

METODOLOGIA ANDAGRÓGICA E DOCÊNCIA TRANSDISCIPLINAR NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Brasília, DF – abril 2010

Renate Stephanes Soboll- UAB/UnB - bollgon@terra.com.br

Categoria (Métodos e Tecnologia)

Setor educacional (Educação Universitária)

Natureza (Relatório de Pesquisa)

Classe (Investigação Científica)

RESUMO

O papel atual do docente de Educação a Distância exige uma necessidade inerente de novas habilidades e competências imposta pela contemporaneidade dos cursos de graduação a distância, pois o paradigma cartesiano/newtoniano não consegue atender as demandas ontológicas, epistemológicas e metodológicas encontradas em uma realidade altamente complexa como as dos cursos de educação online. A aplicação da metodologia andragógica e suas implicações aliada à transdisciplinaridade em cursos de graduação a distância emerge como uma nova abordagem para repensar a realidade, recolocando o sujeito como centro da dinâmica da vida, percebendo-o não como ser dotado apenas de razão, mas inteligente, singular, com vontade própria de aprender, que busca sua autonomia no aprendizado, além da busca da sua autonomia de ser e existir e da necessidade de ser compreendido em sua totalidade. Neste artigo serão abordadas de uma forma sucinta as definições de Andragogia e suas implicações teóricas indissociáveis como a construtividade, interatividade, complexidade e transdisciplinaridade relacionados ao ensino a distância.

Palavras chaves: andragogia; educação a distância; transdisciplinaridade.

1 – INTRODUÇÃO

A Educação a Distância vem experimentando uma grande expansão especialmente nos cursos de graduação, onde a universalização da internet e do acesso às TICs possibilita a incorporação de novos segmentos sociais ao mundo acadêmico. Especialmente os adultos, vislumbram a possibilidade de retomar uma carreira acadêmica interrompida e progredir nos estudos e na carreira profissional através da educação continuada via EaD, mesmo estando residindo longe de grandes centros urbanos e universidades. A Educação a Distância viabiliza uma abrangente democratização do acesso à educação formal e também oferece a oportunidade de especialização profissional atendendo as demandas específicas do mercado de trabalho no qual o aluno está inserido, constituindo se em um verdadeiro processo de construção direcionada do conhecimento.

Isto ocasiona transformações na prática pedagógica, pois, a Educação a Distância tem como arcabouço a premissa de que alunos e professores estão em locais diferentes e que dependem de algum tipo de tecnologia para transmitir informações e lhes proporcionar um meio para interagir. Michael Moore em 1972¹, percebendo esta relação, concebeu a Teoria da Distância Transacional, também conhecida como Teoria da Interação a Distância.

A Teoria da Interação a Distância afirma que o universo das relações ensino-aprendizado caracterizado pela separação entre alunos e professores não deve ser considerada simplesmente como uma separação geográfica, mas sim e, mais importante, como um fenômeno pedagógico no qual se pressupõe a necessidade de uma ação fundamentada que possua diferenças distintivas e qualitativas em relação a um curso presencial. Moore [5] define ainda distância transacional como a separação física que possibilita o aparecimento de um espaço psicológico e comunicacional, ou seja, um espaço com potencial para o entendimento ou então para o desentendimento entre as contribuições do instrutor e as do aluno, caso esta relação não seja bem feita.

A Educação a Distância traz à tona a idéia de independência do aluno, colocando a distância como uma força positiva para ajudar aprendizes adultos que terão a possibilidade de ter um maior controle e direcionamento de seu aprendizado. Segundo Tori [9], a autonomia do aluno tem relação direta com

estruturação, sendo que a autonomia é necessária na EaD e é uma forma de reduzir a distância transacional:

Abordagens humanistas são mais dialógicas, menos estruturadas e conferem maior autonomia ao aluno, enquanto estratégias comportamentalistas baseiam-se em mecanismos de instrução programada, com o máximo de controle do processo de ensino-aprendizagem por parte do professor e, conseqüentemente, com pouca ou nenhuma autonomia oferecida ao aluno. Mas é possível dar autonomia ao aluno em programas mais estruturados e vice-versa. [9].

Esta distância transacional além de dar autonomia ao aluno possui dois conjuntos de variáveis que se apresentam de forma inter-relacionada no processo de ensino-aprendizagem a distância: a estrutura e o diálogo [5]. Entende-se como estrutura os elementos usados na elaboração de um curso, que podem ser compreendidos como: objetivos de aprendizagem, temas do conteúdo, apresentações de informações, estudos de caso, ilustrações gráficas e de outra natureza, exercícios, projetos e testes. Segundo Moore [5], diálogo não é o mesmo que interação, mas são necessárias as interações para se criar um diálogo:

O termo *diálogo* é empregado para descrever uma interação ou uma série de interações tendo qualidades positivas que outras interações podem não ter. Um diálogo tem uma finalidade, é construtivo e valorizado por cada participante. Cada participante de um diálogo é um ouvinte respeitoso e ativo; cada um contribui e se baseia na contribuição de outro(s) participante(s)...O direcionamento de um diálogo em um relacionamento educacional inclina-se no sentido de uma melhor compreensão do aluno.[5].

É importante salientar que esta interação através do diálogo, promove uma percepção da relação pessoal entre os que ensinam e aqueles que aprendem proporcionando uma sensação de bem estar, dando prazer nos estudos e motivação ao aluno, e que, esta percepção pode ser incentivada por materiais de auto-instrução bem preparados em sua estrutura com uma comunicação a distância interativa e adequada baseando-se numa visão andragógica em cursos de graduação a distância.

Muitas pesquisas sobre a natureza social baseada na linguagem relação ensino-aprendizagem surgiram a partir da idéia de diálogo proposta por Moore. A mais significativa foi a teoria do aprendizado de Vigostsky em 1978, no qual um diálogo entre professor (o mais competente) e o aluno é acompanhado por uma mudança de controle do processo de aprendizado, que passa do

professor para o aluno. Assim, o aluno começa um curso na condição de principiante apoiado por um professor e através do uso da ferramenta da linguagem, do diálogo, o aluno assume progressivamente a responsabilidade pelo seu próprio aprendizado.

2 – ANDRAGOGIA E SUAS IMPLICAÇÕES

O termo Andragogia, de origem grega, é antigo e remonta da época de Platão (séc. IV a.C) que já fazia uso deste termo pela sua preocupação com a educação de adultos. *Andro*, significa adulto, e *agein*, é guiar ou conduzir. Na década de 1960 o pensamento sobre andragogia ressurgiu como “a arte e a ciência de ajudar o adulto a aprender” e foi estudada como uma teoria voltada para aprendizes adultos contrapondo-se com a teoria do aprendizado de crianças e jovens conhecida como pedagogia. Esta teoria teve como seu mentor Malcolm Knowles².

Sendo assim, diferentemente ao modelo pedagógico que tem como premissa a arte e ciência de ensinar crianças, o modelo andragógico baseia-se nas seguintes premissas:

- Necessidade de Saber – antes de se disporem a aprender algo, os adultos têm necessidade de saber e eles sabem melhor do que as crianças a necessidade do conhecimento.
- Auto-Conceito do Aprendiz. Os adultos tendem ao auto-conceito de serem responsáveis por suas decisões, sendo responsáveis pela sua aprendizagem e estabelecendo e delimitando o seu próprio percurso educacional.
- O Papel das Experiências dos Aprendizes – os adultos se envolvem em uma atividade educacional trazendo consigo grande número de experiências adquiridas e neste processo educacional tanto o professor quanto os recursos instrucionais não garantem o interesse pela aprendizagem.
- Prontidão para o Aprendizado – adultos tem orientação mais pragmática e estão prontos para aprender as coisas que precisam saber e

capacitar-se para fazer, com o objetivo de resolver efetivamente as situações da vida real.

- Orientação para Aprendizagem – os adultos são centrados na vida, nos problemas, nas tarefas, na sua orientação para aprendizagem.
- Motivação – pesquisas de comportamento mostram que todos adultos são motivados a continuar crescendo e se desenvolvendo.

Knowles [4], afirma que a andragogia surgiu para fazer frente à complexidade educativa demandada pelo adulto, a quem, via de regra, é dispensado tratamento de acordo com princípios pedagógicos que não levam em conta suas vivências, interesses e expectativas. Segundo Karolczak [3], a andragogia fundamenta-se em princípios que estão intimamente relacionados com o construtivismo e o interacionismo, visto que os aprendizes adultos vão construindo o seu saber a partir de motivações internas e externas.

Becker [1] diz que construtivismo significa a ideia de que nada, a rigor, está pronto, acabado, e de que, especificamente, o conhecimento não é dado, em nenhuma instância, como algo terminado. Ele se constitui pela interação do indivíduo com o meio físico e social, com o simbolismo humano, com o mundo das relações sociais; e se constitui por força de sua ação e não por qualquer dotação prévia, na bagagem hereditária ou no meio, de tal modo que podemos afirmar que antes da ação não há psiquismo nem consciência e, muito menos, pensamento.

O construtivismo na Educação pode ser visto como uma forma teórica ampla que reúne as várias tendências atuais do pensamento educacional, entre elas, a aplicação e a conscientização do uso da metodologia andragógica de ensino e aprendizagem. O construtivismo é a ideia do conhecimento como algo não finito sendo que a sociologia contemporânea da tecnologia desqualifica a tese do progresso unilinear apoiando-se na teoria do construtivismo. A Teoria Crítica de Andrew Feenberg [2] declara que:

O construtivismo defende que as teorias e as tecnologias não são determinadas ou fixadas a partir de critérios científicos e técnicos. Concretamente, isso significa duas coisas: em primeiro lugar, geralmente há diversas soluções possíveis para um determinado problema e que os atores sociais fazem a escolha final entre um grupo de opções tecnicamente viáveis e, em segundo, a definição do problema muda frequentemente durante o curso de sua solução.

Portanto, o meio social e físico é uma questão que tem de ser levada em consideração na Educação a Distância e a interação do indivíduo com esse meio e suas ações vão contribuir para esse processo de aprendizagem e conhecimento. Em cursos de graduação a distância do sistema UAB (Universidade Aberta do Brasil), por exemplo, existem os pólos presenciais. Estes pólos são locais, ou seja, os alunos de um determinado pólo vivem em um determinado ambiente, uma determinada região, com a sua cultura e seus valores. O Brasil é um país composto por vários “brasis”, tamanha é sua diversidade cultural e física, e isto deve ser levado em consideração durante a interação entre aluno e professor em um ambiente virtual de aprendizagem. O docente deve conhecer o meio e a realidade no qual os seus alunos estão inseridos. Deve-se salientar que o construtivismo acredita que o conhecimento e todo o processo educacional são construídos a partir de realidades sociais dos aprendizes e do docente, no qual se estabelece uma relação de complementaridade com as suas bagagens sócio-culturais.

As idéias de Moraes [6] sobre a complexidade complementam a linha de pensamento da não linearidade encontrada no construtivismo:

(...) outro princípio metodológico importante da complexidade é o *princípio ecológico da ação* que nos informa que nossas ações, frequentemente, escapam às nossas primeiras intenções e produzem efeitos inesperados, muitas vezes, imprevisíveis e opostos aos anteriormente planejado. Uma vez desencadeada, qualquer ação passa a fazer parte de um jogo de interações do qual a aleatoriedade, a incerteza e a imprevisibilidade do seu ambiente natural ou sociocultural estão sempre presentes.

Esta autora ainda argumenta que a não-linearidade é fácil de ser percebida tanto em ambientes de formação presencial quanto no virtual. A não-linearidade inclui ordem, desordem e organização. Esta relação está muito presente em cursos de graduação, uma vez que estamos tratando de aprendizes adultos e que segundo o modelo andragógico, no processo educacional, tanto os docentes quanto o conteúdo instrucional não garantem o interesse pela aprendizagem devido às experiências que são trazidas pelos aprendizes, trazendo uma constante reorganização no conteúdo, pensamento e no ensino das disciplinas ofertadas em um curso de graduação *online*.

Precisa-se ir além dos limites impostos pelo pensamento único, reducionista, simplificador e fragmentador do conhecimento e da realidade.

Necessita-se de novos referenciais teóricos, de novos paradigmas capazes de dar suporte a novas práticas pedagógicas. Os fundamentos de natureza epistemológica como complexidade, intersubjetividade, auto-organização, emergência, interatividade, inter e transdisciplinaridade podem combater o modelo casual e tradicional instrucionista ainda encontrados em ambientes virtuais de aprendizagem (AVA). Ao mesmo tempo estes fundamentos dão suporte para um melhor processo de construção do conhecimento, ao desenvolvimento da aprendizagem, ao conhecimento em rede, na dinâmica das comunidades virtuais de aprendizagem, nos processos de auto-organização, na autonomia e na criatividade.

Apoiar-se numa abordagem transdisciplinar reintegra, une, religa, estabelece conexões entre cada uma das partes para a constituição do todo. Moraes [6] alerta que para se pensar a realidade são necessárias atitudes nutridas pelo rigor do conhecimento, acompanhadas da sensibilidade para a promoção de ações compatíveis com cada contexto. Aplicar este pensamento numa metodologia andragógica é de suma valia. Nicolescu [7] diz que a transdisciplinaridade está “entre”, “através” e “além” das disciplinas. Nesse ponto, a transdisciplinaridade converge como agente aglutinador dos saberes, catalisador de sua religação e instrumental para a sua prática.

Segundo Santos [8] o termo transdisciplinaridade é novo, porém, a atitude transdisciplinar tem acompanhado o homem desde sua história milenar. Para Nicolescu [7] “a *transdisciplinaridade*, como o prefixo - trans - indica, diz respeito àquilo que *está ao mesmo tempo entre* as disciplinas, *através* das diferentes disciplinas e *além* de qualquer disciplina”. Moraes [6] compreende a transdisciplinaridade como uma atitude de abertura diante do conhecimento construído, uma maneira mais elaborada, refinada e depurada do sujeito pensar e perceber a realidade.

Uma docência com base no paradigma transdisciplinar requer do educador disposição para assumir posturas diferentes da lógica binária, buscando compreender que entre dois pólos aparentemente antagônicos existem outras possibilidades, não havendo apenas um caminho marcado pelo “ou/ou”, mas caminhos marcados por “ou” infinitos. A transdisciplinaridade sugere ousadia do mediador pedagógico para a superação da visão fragmentada e a compreensão dos processos da vida sob a ótica complexa.

Portanto, na Educação a Distância, além de verificar a emergência das tecnologias da informação e comunicação (TICs) é fundamental, em cursos de graduação, que o docente considere as especificidades inerentes ao ensino de adultos fazendo uso da metodologia andragógica de ensino e aprendizagem. É importante que o docente compreenda o campo complexo que há no ensino e aprendizagem de cursos a distância de graduação e que é necessário entender e aplicar o uso da Metodologia Andragógica aliada aos fundamentos epistemológicos ligados, sobretudo, a um pensamento transdisciplinar. Moraes [6] sintetiza:

Assim, um ambiente virtual de aprendizagem é um espaço físico ou digital que, além de disponibilizar os recursos tecnológicos necessários à criação do ambiente desejado e colocar os sujeitos diante de objetos do conhecimento, necessita, acima de tudo, implicá-los em um processo de aprendizagem que seja significativo para cada um. Isto significa concebê-lo, não apenas como um conjunto de recursos técnicos e tecnológicos, mas, sim, como um sistema que envolve elementos diferentes que interagem, elementos pedagógicos, comunicacionais, sociais e efetivos, a partir dos quais emerge um feixe de relações constituído por dinâmicas operacionais dos sujeitos implicados.

Apesar de Moraes não ter mencionado explicitamente o modelo andragógico, devemos considerá-lo implícito nesta afirmação.

3 – CONCLUSÃO

Com a inovação avassaladora das tecnologias da informação e da comunicação (TICs), cabe aos educadores fazer um verdadeiro “casamento” entre tecnologia, andragogia e suas implicações indissociáveis como a interatividade, construtividade, complexidade e a transdisciplinaridade. É preciso reconhecer que são importantes e podem estar uma a serviço da outra, e assim, harmonicamente, atuarem como importantes catalisadores para uma aprendizagem e saberes significativos, profundos e contextualizados com as realidades e necessidades dos discentes adultos. Portanto, cabe ao docente desenvolver e colocar em prática atitudes verdadeiramente transdisciplinares e andragógicas para fazer frente aos desafios inerentes à alta complexidade que

se apresenta no processo de ensino e aprendizagem realizado nos cursos de graduação a distância.

Sabe-se ainda que a implementação de mudanças nos processos de ensino e aprendizagem em ambientes virtuais utilizando-se a metodologia andragógica e práticas docentes sob uma perspectiva transdisciplinar ainda é um desafio para a maioria dos educadores, por serem estes ainda frutos de um processo de ensino e aprendizagem cartesiano configurado para um modelo pedagógico voltado para uma realidade presencial. Mas, esta indissociabilidade entre EaD, andragogia e transdisciplinaridade precisa ser pensada e trabalhada no processo de formação, de tal forma que as relações de ensino e aprendizagem sejam reconstruídas nas bases pretendidas na ação educativa de um curso de graduação a distância.

4 – NOTAS

¹ Nesta mesma época, as idéias de andragogia de Malcolm Knowles e as pesquisas sobre aprendizado auto-direcionado de Alan Tough estavam no auge de sua popularidade.

² A teoria de andragogia de Knowles foi introduzida pela primeira vez na literatura científica americana em 1968. Ela é uma tentativa para desenvolver uma teoria específica para o aprendizado relacionado a pessoas adultas. Knowles enfatiza que adultos são auto-direcionados e esperam ter responsabilidade para tomar decisões.

5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

[1] BECKER, Fernando. **O que é construtivismo?** Revista de Educação AEC, Brasília, v. 21, n. 83, p. 7-15, abr./jun. 1992. Disponível em: <http://www.livrosdamara.pbworks.com/f/oquee_construtivismo.pdf>. Acesso em: 27 abril 2010.

[2] FEENBERG, Andrew. **Racionalização subversiva: tecnologia, poder e democracia.** In: NEDER, Ricardo T. (org). *A Teoria Crítica de Andrew Feenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia.* Brasília: Observatório de Movimento Tecnológico Social na América Latina/CDS/UnB/Capes, 2010.

[3] KAROLCZAK, Maria Eloisa; KAROLCZAK, Marcio Martins. **Andragogia – Liderança, Administração e Educação:** uma nova teoria. Curitiba, Juruá, 2009.

[4] KNOWLES, Ma2Q1lcolm S. **The modern practice of adult education: andragogy versus pedagogy**. New York: Association Press, 1970.

[5] MOORE, Michael; KEARSLEY Greg. **Educação a Distância – Uma Visão Integrada**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

[6] MORAES, Maria Cândida. **Ecologia dos saberes: complexidade, transdisciplinaridade e educação: novos fundamentos para iluminar novas práticas educacionais**, São Paulo: Antakarana/WHH – Willis Harman House, 2008.

[7] NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo, TRIOM, 1999.

[8] SANTOS Akiko. **O que é transdisciplinaridade**. Disponível em: <http://www.ufrj.br/leptrans/arquivos/O_QUE_e_TRANSDISCIPLINARIDADE.pdf>. Acesso em out. 2009.

[9] TORI, Romero. **Educação sem Distância: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.